



Reflexões sobre a Contextualização da Nota de Orientação da INEE sobre o Bem-Estar de Professoras/es em Situações de Emergência

Contexto: Myanmar, universidades online não estatais

Domínio: 3, Ensino e aprendizagem

Autores: Elisheva Cohen, Elaisa Vahnie, Jenny Otting, Khin Sapel Htoo, Khin Win Myat, Dr Mon Mon Aung, Myat Aye San, Okka, Dr Pann Ei Phyu Aung, Saw Sandi Oo e Sophia Hlain

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 2 |
| Visão global do processo de contextualização | 2 |
| Análise do processo de contextualização | 3 |
| Pontos fortes do processo de contextualização | 3 |
| Oportunidades para apoio emocional | 3 |
| Oferecer aprendizagem e desenvolvimento profissional às/aos professoras/es | 4 |
| Reforçar o compromisso com o bem-estar de professoras/es | 5 |
| Desafios do processo de contextualização | 5 |
| Entender o conceito de contextualização | 5 |
| Lidar com os desafios: | 5 |
| Compreender o termo “bem-estar de professoras/es” | 6 |
| Lidar com os desafios: | 7 |
| Dilema ético: Discutir o bem-estar de professoras/es sem abordar o bem-estar das/os professoras/es | 7 |
| Manter a segurança das/os pesquisadoras/es e das/os participantes | 8 |
| Superar os desafios | 8 |
| Considerando a relação entre educação e o governo | 8 |
| Superar este desafio: | 9 |
| Pontos fracos do processo de contextualização | 9 |
| Âmbito limitado do processo de contextualização | 9 |
| Tempo e recursos limitados das/os pesquisadoras/es | 10 |
| Restrições das/os participantes | 10 |
| Lições aprendidas e conclusão | 10 |

Introdução

De março a maio de 2022, uma equipa de instrutoras/es universitárias/os birmaneses, um administrador universitário e duas/dois pesquisadoras/es estadunidenses adaptaram a Nota de Orientação sobre o Bem-Estar de Professoras/es da INEE ao contexto birmanês. Este processo de contextualização de um bem global é essencial para tornar esse bem aplicável e significativo para contextos locais específicos. Durante o processo, identificámos vários desafios no processo de contextualização, bem como oportunidades e pontos fortes. Neste relatório, fornecemos uma visão global dos desafios que enfrentámos, assim como as oportunidades e as lições aprendidas que acreditamos que este processo nos proporcionou. O processo de conceptualização de Myanmar proporcionou uma perspetiva de como utilizar uma abordagem de baixo para cima na investigação e na contextualização de um bem global oferecido pela Nota de Orientação da INEE.

Visão global do processo de contextualização

O objetivo da contextualização da Nota de Orientação sobre o Bem-Estar de Professoras/es da INEE era tornar os requisitos e as recomendações mais relevantes e aplicáveis ao contexto de Myanmar. Devido ao prazo limitado do estudo, o processo de contextualização em Myanmar examinou o ensino e aprendizagem (Domínio 3) no ensino superior. A equipa incluiu oito pesquisadoras/es de ação, professoras/es de uma universidade não estatal de Myanmar, um diretor de projeto também afiliado à universidade não estatal de Myanmar, e duas/dois pesquisadoras/es afiliadas/os a universidades americanas. Como equipa, desenvolvemos ferramentas de pesquisa abrangentes, realizámos grupos focais e entrevistas, e analisámos dados para produzir uma versão de contextualização da Nota de Orientação sobre o Bem-Estar de Professoras/es. O processo de contextualização incluiu os seguintes passos:

Etapa 1: Preparação: As/os pesquisadoras/es principais realizaram formações de pesquisa sobre o conceito de contextualização e métodos de pesquisa qualitativos.

Etapa 2: Questionário: As/Os pesquisadoras/es principais esboçaram um questionário e realizaram uma reunião com as/os pesquisadoras/es de ação para revisão e correções. Uma vez completado o esboço do questionário em inglês, as/os instrutoras/es traduziram as questões para birmanês.

Etapa 3: Grupos focais: Quatro equipas de pesquisa de ação, compostas por duas/dois pesquisadoras/es de ação, realizaram um grupo de discussão de 60 a 90 minutos com instrutoras/es na sua instituição.

Etapa 4: Entrevistas com administradoras/es: As quatro equipas de pesquisa realizaram uma entrevista com um/a administrador/a da sua instituição.

Etapa 5: Análise: Cada par de pesquisadoras/es reviu os pontos de destaque de seu grupo focal e as conversas da entrevista e identificou desafios e recomendações para o bem-estar das/os professoras/es.

Etapa 6: Redação e revisão: As/Os pesquisadoras/es principais elaboraram relatórios preliminares que, depois, foram revistos, discutidos e redigidos pelas/os pesquisadoras/es de ação.

Análise do processo de contextualização

Este relatório fornece uma análise multinível do nosso processo de contextualização, de forma a destacar os pontos fortes, os desafios, os pontos fracos e as lições aprendidas com o processo. Para isso, utilizámos as reflexões escritas e orais elaboradas pelas/os pesquisadoras/es principais e pelas/os e oito pesquisadoras/es de ação. Após cada reunião, as/os pesquisadoras/es principais escreveram relatórios detalhados sobre temas gerais, perspectivas interessantes e possíveis desafios sobre o processo de contextualização. Por exemplo, elas/es refletiram sobre o que foi dito ou não no decorrer das reuniões com as/os pesquisadoras/es de ação. Além disso, as/os pesquisadoras/es principais reuniram-se com as/os pesquisadoras/es de ação no final do processo de contextualização para ouvirem suas experiências de envolvimento neste processo. Pediu-se às/aos pesquisadoras/es de ação para refletirem e falarem acerca das suas experiências com o projeto geral. A conversa focou-se nos desafios do processo de contextualização e nos benefícios das lições aprendidas com a contextualização do bem-estar de professoras/es em Myanmar. Com base nestas conversas e notas, identificámos os seguintes pontos fortes, desafios e pontos fracos do processo de contextualização.

Pontos fortes do processo de contextualização

Oportunidades para apoio emocional

A participação neste processo de contextualização proporcionou às/aos pesquisadoras/es de ação birmanesas/es oportunidades de apoio socioemocional. Dados os riscos de segurança associados, mesmo no ensino nesta instituição online, a maioria das/os professoras/es não conhecia outras/os colegas da instituição. Embora possam ter visto os nomes umas/uns das/os outras/os em janelas Zoom durante as reuniões de professoras/es, raramente tiveram a oportunidade de partilhar as suas experiências ou preocupações. Através do processo de contextualização, as/os professoras/es se conheceram e construíram um sentido de comunidade. Um pesquisador de ação explicou: *“Eu não conhecia minhas/meus colegas antes, embora tenha ouvido algumas/ns delas/es durante as reuniões... agora que trabalhamos juntos, dá-me um sentimento de inclusão social... é*

significativo para mim”. As/Os pesquisadoras/es de ação encontraram grande valor em relacionarem-se com as/os colegas durante este projeto e também durante as nossas reuniões quase semanais e para além delas.

Por meio dos grupos focais, o processo de contextualização proporcionou uma oportunidade para outras/os professoras/es da instituição se relacionarem e partilharem suas experiências. Estas oportunidades foram significativas para as/os professoras/es receberem e fornecerem apoio umas/uns às/aos outras/os. De acordo com uma pesquisadora de ação: *“as/os participantes apreciaram ser ouvidas/os... sentiram-se relaxadas/os enquanto participaram e contentes, como se estivessem à procura de uma oportunidade com esta para se relacionarem”*. Os grupos focais não forneceram apenas um espaço para conexão, mas ofereceram uma oportunidade única para discutir os desafios que enfrentam enquanto professoras/es e para refletirem sobre o próprio bem-estar. Uma pesquisadora de ação explicou que *“antes disto, pensava que não era necessário falarmos umas/uns com as/os outras/os”*, mas, depois da participação neste grupo focal, ela explicou que esse encontro tinha um *“poder curativo eficaz”*. Neste sentido, participar nestes grupos focais serviu de meio para abordar e melhorar o bem-estar das/os professoras/es.

Oferecer aprendizagem e desenvolvimento profissional às/aos professoras/es

Para as/os pesquisadoras/es de ação, participar no processo de contextualização forneceu uma oportunidade de aprender sobre e participar num projeto de investigação qualitativa. Como um pesquisador de ação mencionou: *“quando ouvi falar deste projeto, senti que era uma ótima oportunidade para aprender a natureza de investigação qualitativa, portanto, apreciei esta experiência”*. Outra professora explicou que, enquanto aprendeu acerca de grupos focais nos seus estudos, não tinha tido a oportunidade de liderar um. Ela disse que o projeto deu-lhe *“muitos conhecimentos e experiência”*.

Outras/os pesquisadoras/es de ação apreciaram a oportunidade de ouvir diferentes opiniões e experiências durante as entrevistas com os grupos focais. Uma pesquisadora de ação explicou como esta experiência lhe deu maior visão dos desafios que as/os administradoras/es da instituição enfrentam e, como resultado, maior empatia por elas/es. Ela explicou que as/os administradoras/es *“se esforçam o máximo que podem, mas aprendemos que também precisam de experiência e formação”*. Outra pesquisadora de ação falou sobre como a participação nas entrevistas dos grupos focais a sensibilizou para os desafios únicos que instrutoras/es de ciências políticas enfrentam no ensino de um tópico que tinha sido proibido sob o regime militar. Um pesquisador de ação disse que teve de *“ouvir opiniões [de outras/os] nas entrevistas e isso foi uma ótima oportunidade para mim”*. No geral, o projeto de pesquisa forneceu uma oportunidade para as/os professoras/es

alargarem a sua compreensão da complexidade que as diferentes partes interessadas na instituição enfrentam.

Reforçar o compromisso com o bem-estar de professoras/es

O processo de contextualização forneceu uma oportunidade para professoras/es e administradoras/es refletirem sobre os aspetos positivos da instituição, ao mesmo tempo que forneceu um espaço para as/os professoras/es se abrirem e partilharem seus desafios e críticas. O processo revelou os pontos fortes e os pontos fracos do bem-estar das/os professoras/es na instituição. Também instigou nas/os pesquisadoras/es de ação uma compreensão aprofundada dessas questões e um maior empenho em abordá-las. O processo produziu recomendações específicas para a instituição e motivação entre as/os instrutoras/es e administradoras/es para trabalharem com a gestão mais ampla na implementação dessas recomendações.

Desafios do processo de contextualização

Entender o conceito de contextualização

Embora a contextualização possa ser um conceito comum na esfera humanitária e de desenvolvimento, o conceito era estranho para muitas partes envolvidas neste processo, particularmente para as pessoas que trabalham no terreno, como professoras/es e administradoras/es escolares. Para as/os pesquisadoras/es de ação, entender a ideia de contextualização e o objetivo deste projeto foi um dos maiores desafios que enfrentaram. Reuniões preparatórias com as/os pesquisadoras/es principais e as/os pesquisadoras/es de ação revelaram confusão com a palavra “contextualização”. Um pesquisador de ação afirmou que *“a palavra contextualização é um desafio porque nunca ouvi esta palavra antes. Desde a primeira reunião, a palavra contextualização foi um desafio”*. Como resultado deste desafio, houve alguma confusão entre as/os membros da equipa sobre como seria uma versão contextualizada da Nota de Orientação e que perguntas podíamos fazer às/aos participantes da investigação que nos ajudassem a contextualizar o documento.

Lidar com os desafios:

- Dedicámos tempo nas reuniões iniciais para discutir a ideia de contextualização. O diretor de projeto enfatizou o uso do termo “abordagem local” para ajudar a entender a ideia. Explicou que a ideia de contextualização era aprender o que estava a acontecer com a população local, no terreno, e identificar a sua interpretação dos conceitos apresentados na Nota de Orientação.

- Enquanto o nosso objetivo final era contextualizar a Nota de Orientação, intencionalmente não definimos uma estrutura rígida de como isso seria feito. Deixámos o processo fluir organicamente e permitimos que os dados guiassem a nossa contextualização final.

Compreender o termo “bem-estar de professoras/es”

O processo de contextualização mostrou como a expressão “bem-estar de professoras/es” é entendida de forma diferente, em diferentes partes do mundo. Especificamente, revelou uma interpretação “ocidental” do bem-estar de professoras/es implicitamente incorporada na Nota de Orientação sobre o Bem-Estar de Professoras/es da INEE.

Enquanto as/os pesquisadoras/es de ação entenderam o conceito de bem-estar em inglês, explicaram que o termo “bem-estar” em Myanmar provavelmente é associado a noções de saúde mental, associado a conotações negativas. Segundo um pesquisador de ação, *"compreendemos o significado de bem-estar, mas no significado de Myanmar trata-se de saúde mental ou algo parecido com problemas mentais, por isso se perguntarmos a alguém se tem um problema mental, não é uma boa pergunta para a sociedade de Myanmar"*.

Ao desvendar o significado cultural de bem-estar em Myanmar, as/os pesquisadoras/es de ação explicaram que este está culturalmente associado à consciência ou a um estado de paz com a mente e a emoção. As/Os professoras/es determinaram que a “satisfação física, emocional e social” era uma expressão mais apropriada, com o mesmo significado de bem-estar, sem a conotação negativa. Outra pesquisadora de ação descreveu como a sua equipa questionou as/os participantes do grupo focal sobre como se sentiam, para os ajudar a responder a perguntas sobre o bem-estar das/os professoras/es.

Este entendimento cultural de bem-estar indicou outros desafios relacionados com bem-estar que não surgiram inicialmente na leitura da Nota de Orientação. Especificamente, professoras/es detêm um papel particular na cultura budista. Como um pesquisador de ação explicou, *"na cultura budista, as/os professoras/es são consideradas/os um dos cinco grandes benfeitores numa vida, o que as/os coloca na mesma posição que Buda. Na cultura birmanesa, isto mostra como as/os professoras/es são valiosas/os e muito respeitadas/os"*. Enquanto essa compreensão dá prestígio ao papel de professor/a, um pesquisador de ação observou que também coloca uma pressão única sobre as/os professoras/es para que correspondam às altas expectativas sociais, contribuindo, assim, para o estresse dessas/es profissionais. Isto reforça a importância do entendimento de conceitos-chave através de uma lente local, cultural.

O processo de contextualização revelou como o contexto cultural de Myanmar influencia as ideias acerca do bem-estar de professoras/es. Sem a compreensão da conotação negativa que envolve a ideia de bem-estar de professoras/es e sem o conhecimento da posição das/os professoras/es na cultura de Myanmar, seria difícil abordar as normas da INEE sobre o bem-estar de professoras/es.

Lidar com os desafios:

- A equipa manteve várias reuniões para discutir as questões culturais associadas ao termo e identificou um termo culturalmente apropriado para usar com outras partes interessadas durante o processo de contextualização. A equipa decidiu usar a expressão “bem estar físico, emocional e social” como um termo culturalmente apropriado e significativo que transmitia o mesmo sentimento que “bem-estar”.
- No [questionário](#), perguntámos às/aos professoras/es quais qualidades associam a satisfação física, emocional e/ou social das/os professoras/es, enumerando várias características. Isto ajudou a operacionalizar o bem-estar de professoras/es e a entender melhor as formas como as/os instrutoras/es entendem e experienciam o bem-estar.
- A posição cultural das/os professoras/es na sociedade não surgiu até ao fim do processo de contextualização. Se tivesse surgido mais cedo, teria sido produtivo discutir e descobrir onde se poderia encaixar no enquadramento de bem-estar de professoras/es delineado pela Nota de Orientação

Dilema ético: Discutir o bem-estar de professoras/es sem abordar o bem-estar das/os professoras/es

Um desafio sentido pelas/os pesquisadoras/es foi a tensão de discutir os desafios do bem-estar de professoras/es e as formas de enfrentá-los sem tomar realmente medidas para implementar mudanças e apoiar o bem-estar das/os professoras/es. Esperava-se que as/os professoras/es discutissem o conceito de bem-estar sem planos para abordar as realidades materiais que contribuem para a deterioração do seu bem-estar. Em muitos aspetos, isto pareceu um dilema ético inserido no processo de contextualização e deveria ser objeto de reflexão para as pessoas criam um bem global, bem como para as pessoas que realizam o trabalho de contextualização. À medida que nos aproximávamos do fim do processo de contextualização, as/os pesquisadoras/es de ação perguntaram, confusas/os, qual seria o resultado destas recomendações, e as/os pesquisadoras/es principais tiveram de explicar o seu poder limitado para fazer qualquer diferença, apesar do trabalho que tinha sido realizado. Esta tensão deve ser considerada à medida que outras/os trabalham na

contextualização de bem global. A contextualização não significa nada sem parceiros e planos de implementação.

Manter a segurança das/os pesquisadoras/es e das/os participantes

O processo de contextualização exigiu uma abordagem de pesquisa qualitativa usando grupos focais e entrevistas. Em toda a pesquisa qualitativa, as/os pesquisadoras/es têm de ser conscientes da confidencialidade e dos riscos associados para as/os participantes, mas, em cenários de emergência, este risco pode ser aumentado. Na implementação do processo de contextualização, flexibilidade e adaptabilidade, mesmo a nível individual, são estrategicamente importantes para a segurança de todas as partes interessadas.

Superar os desafios

Durante as reuniões preparatórias, mantivemos discussões acerca dos riscos de segurança associados à participação do estudo, tanto para as/os pesquisadoras/es quanto para as/os participantes.

- Para as/os participantes dos grupos focais: Havia um consenso nítido entre as/os pesquisadoras/es de ação que as/os participantes dos grupos focais não seriam obrigadas/os a ligar as suas câmaras, nem teriam de usar os nomes verdadeiros. Isto protegeria o seu anonimato.
- Para as/os pesquisadoras/es de ação: Houve algum debate se deveriam ligar as suas câmaras durante os grupos focais. Para que as/os participantes se sentissem bem-vindas/os, as/os pesquisadoras/es de ação acreditavam que seria melhor ligarem as suas câmaras; no entanto, fazer isto poderia revelar suas identidades e pôr a sua segurança em risco. Em última análise, não houve consenso se as/os pesquisadoras/es de ação que conduziram os grupos focais deveriam ou não ligar as suas câmaras e a decisão foi deixada ao critério de cada pessoa.

Considerando a relação entre educação e o governo

No geral, de uma perspectiva “ocidental”, a educação é vista como um dispositivo do estado. Como resultado, muitos bens globais (incluindo a Nota de Orientação sobre o Bem-estar de Professoras/es da INEE) baseiam-se na suposição de que a educação é oferecida pelo governo. Esta suposição é complicada em muitos Estados frágeis, como Myanmar. Em Myanmar, assim como em outros Estados frágeis, tanto o governo militar quanto o governo da resistência oferecem serviços educacionais. Como forma de protesto contra o governo

militar, muitas pessoas em Myanmar recusaram os serviços públicos. No caso da educação, muitas/os professoras/es recusaram ensinar no setor público e muitas/os estudantes pararam de frequentar escolas públicas. Além disso, as/os educadoras/es procuram desativar o governo militar, deslocando serviços como a educação para espaços não governamentais. Foi estabelecido um governo sombra que fornece muitos dos mesmos serviços, incluindo a educação.

A complexidade de ter duas estruturas governamentais concorrentes influenciou a forma de enquadrar questões de pesquisa sobre serviços educativos e apoio ao bem-estar a nível nacional. Por exemplo, ao elaborar o questionário, quisemos obter, das/os participantes, um entendimento sobre o que professoras/es poderiam precisar do seu governo para apoiar o bem-estar. No entanto, isto levantou questões sobre a qual governo a pergunta se referia e, em termos relacionados, o que poderiam realisticamente esperar do governo militar e/ou da resistência.

Embora a maioria, se não todas/os, as/os participantes tenham rejeitado o governo militar, tiveram de aceitar a realidade do controlo dos militares sobre o sistema de educação pública e navegar nesse sistema de várias formas. Foi um desafio para as/os pesquisadoras/es de ação e participantes discutirem apoios para o bem-estar das/os professoras/es sem conversas políticas sobre o tipo de governo que deveria estar envolvido, e como. As opiniões individuais de quem deveria prestar serviços educacionais variaram muito e, desde o início do processo, isto deveria ter sido reconhecido e tratado.

Superar este desafio:

- Dadas as nossas limitações de tempo, optámos por eliminar a maioria das discussões sobre o apoio ao bem-estar a nível nacional, a fim de minimizar estas discussões.

Pontos fracos do processo de contextualização

Âmbito limitado do processo de contextualização

Devido a restrições de tempo e recursos do projeto, o processo de contextualização incluiu instrutoras/es e administradoras/es de uma única instituição de ensino superior. Esta instituição é uma instituição não governamental e os seus cursos são oferecidos na modalidade online. Através dos grupos focais e entrevistas recolhemos informações relevantes sobre a instituição. Após uma discussão em equipa, decidimos que a Nota de Orientação contextualizada provavelmente se aplica a outras instituições semelhantes, mas

pode não se estender a instituições governamentais de ensino superior ou a instituições que oferecem ensino e aprendizagem presenciais.

Tempo e recursos limitados das/os pesquisadoras/es

Envolver-se num processo de contextualização minucioso pode levar tempo e esforço significativos. Dado o orçamento limitado e as múltiplas limitações de tempo, procurámos minimizar o processo. Isto foi feito dividindo a equipa de pesquisadoras/es de ação, de tal forma que cada par de pesquisadoras/es se concentrou num requisito do domínio do ensino e da aprendizagem. Também reduzimos o número de grupos focais e entrevistas que cada equipa realizou. Embora estejamos confiantes no nosso documento contextualizado final, poderíamos ter aprendido mais sobre o bem-estar de professoras/es e ter contextualizado ainda mais a Nota de Orientação com maior participação. Da mesma forma, com tempo e recursos adicionais, poderíamos ter conseguido ampliar o âmbito do estudo, para considerar as partes interessadas de outras instituições.

Restrições das/os participantes

Procurámos incluir seis participantes em cada grupo focal. No entanto, devido a uma série de limitações de tempo das/os participantes, incluindo compromissos profissionais e familiares, foi difícil marcar horários de reunião em que as/os seis participantes pudessem estar presentes. Muitos grupos focais tiveram apenas dois a quatro participantes. Em alguns casos, as/os pesquisadoras/es de ação conseguiram chegar a outras/os participantes a título individual ou enviar as perguntas por mensagem.

Outra dificuldade foram os cortes de energia frequentes e as fracas ligações de internet no país. Algumas/ns professoras/es que concordaram em participar dos grupos focais não puderam participar no momento da reunião, ou puderam participar, mas com ligação de internet demasiado fraca para que pudessem participar plenamente.

Lições aprendidas e conclusão

Contextualizar a Nota de Orientação sobre o Bem-Estar de Professoras/es para o cenário de Myanmar foi um processo de múltiplas etapas que resultou num conjunto de recomendações para melhorar o bem-estar das/os instrutoras/es no ensino superior online não estatal, em Myanmar. O processo apontou para importantes oportunidades de contextualização futura, bem como desafios e pontos fracos que exigem ser abordados. As lições aprendidas com este processo incluem:

1. O envolvimento das partes interessadas locais, tais como professoras/es e administradoras/es escolares, no processo de contextualização oferece oportunidades únicas para ouvir vozes novas no setor humanitário. No entanto, isto também exige uma clarificação em torno do significado da própria contextualização, bem como de termos-chave do bem global a ser adaptado.
2. Prestar atenção aos significados locais de termos e conceitos-chave pode revelar lacunas no bem global que são importantes considerar e abordar na versão contextualizada.
3. O processo de contextualização da Nota de Orientação sobre o Bem-Estar de Professoras/es serviu como uma oportunidade significativa para as/os professoras/es refletirem sobre o bem estar, construírem conhecimentos e competências profissionais valiosos e melhorarem efetivamente o próprio bem-estar.
4. Os bens globais são escritos com um conjunto de pressupostos sobre a relação entre o governo e a educação. Em situações de emergência, incluindo Estados frágeis, estes pressupostos devem ser questionados e contabilizados no processo de contextualização e nos documentos contextualizados finais.

Nossa equipa de investigação está otimista de que os pontos fortes, os pontos fracos e as lições aprendidas com este projeto de investigação serão benéficas para a INEE e para outras organizações de desenvolvimento, que poderão querer compreender como contextualizar um bem global.